

## **Informação como mercadoria: uma leitura crítica**

Gabriel Soares de ALMEIDA<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

No presente artigo, buscamos cotejar as proposições acerca do modo de produção capitalista como analisado por Marx (2023) e as considerações de Dantas (2022) a respeito da expressão atual do capitalismo (aqui entendida como capitalismo de plataforma). O intuito de se fazer uma leitura crítica dos escritos de Dantas não é de contestá-lo em absoluto, mas problematizar determinados pontos de fragilidade a fim de que possamos melhor direcionar nossas questões a respeito do funcionamento do capitalismo em sua configuração atual e de suas formas de apropriação de valor.

### **Introdução**

Desde a análise de Marx a respeito do modo de produção capitalista na Inglaterra no século XIX, houve mudanças na expressão do capitalismo até sua configuração atual. Ainda que se mantivessem seus pilares de sustentação, pautados (na leitura marxiana) pelo que podemos colocar como a propriedade privada dos meios de produção, a mercantilização da força de trabalho e pela apropriação privada da riqueza socialmente produzida.

Ainda que se mantenham inalteradas as bases de sustentação (e de produção e reprodução) do sistema capitalista, a configuração que temos hoje pode ser descrita como capitalismo de plataforma (Antunes, 2009), no qual há uma centralidade econômica das empresas de plataforma. Elas trazem como características a redução de direitos trabalhistas, a terceirização de obrigações das empresas aos empregados, o não reconhecimento de vínculos empregatícios entre plataforma e trabalhadores (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021), decorrentes da expansão da agenda neoliberal

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações - Universidade de São Paulo (ECA-USP). Email: almeida\_gabriel@usp.br

---

implementada a partir dos anos 1970 na América Latina (Harvey, 2008), somados aos avanços e à difusão das tecnologias da informação e comunicação.

Dado este contexto, apresentaremos as proposições de Dantas (2022) e as discutiremos à luz da teoria marxiana. Como percurso metodológico, dada a natureza do trabalho, realizaremos um cotejamento do texto, confrontando-o com nossa compreensão das relações sociais verificáveis dentro do contexto plataformizado, nosso entendimento das categorias marxianas cabíveis e com possíveis inconsistências.

Adotamos esta abordagem pois consideramos que o autor traz contribuições e caminhos interessantes para pensarmos o trabalho, a forma-mercadoria e as formas de apropriação do valor produzido por parte das empresas de plataforma. Buscamos, assim, tensionar suas proposições como parte de um esforço em compreender de forma adequada a realidade atual do trabalho e suas relações com as práticas próprias do contexto plataformizado. Consideramos necessário este movimento dado que é a partir da categoria trabalho e das relações socialmente estabelecidas que podemos então erigir análises; trata-se, portanto, de uma revisão crítica no grau da abstração conceitual.

Não propomos um encerramento da discussão, mas um encaminhamento. As conclusões aqui oferecidas podem, deste modo, parecer parciais. Compreendemo-las, porém, como contribuições para constituir um caminho a partir do qual se permitem as análises do trabalho no assim chamado capitalismo de plataforma.

### **Conceituações sobre informação e trabalho**

A hipótese central apresentada por Dantas (2022), apontada na introdução, é de que é "impossível entender o cerne do capitalismo contemporâneo sem compreender a lógica informacional espetacular que determinaria as demais relações de produção e apropriação de valor do capital-informação" (p. 9), na introdução nomeada "Informação: um ponto cego no pensamento marxiano". É interessante a colocação da informação como um ponto cego da teoria marxiana, posto que é colocada quase que sob o rótulo de uma nova forma de mercadoria especial. Trataremos destas questões mais adiante<sup>2</sup>.

Na conceituação do autor, a informação é colocada da seguinte maneira:

Definimos informação como alguma modulação de energia que provoca algo diferente em um sistema ou ambiente qualquer e produz,

---

<sup>2</sup> Esta questão será abordada quando tratarmos dos consumos entrópico e neguentrópico apresentados por Dantas (2022).

---

nesse sistema ou ambiente, algum tipo de *ação orientada*, se nele existirem agentes capazes e interessados em captar e processar os sentidos ou significados daquela modulação. A informação, assim, não está no objeto nem no agente. Ela se encontra na *interação*, na relação estabelecida [...]. (Dantas, 2022, p. 17, grifos no original)<sup>3</sup>

Esta conceituação de informação como atividade relacional e interacional não apresenta qualquer problema, a princípio. Ela abre espaço suficiente, entretanto, para colocarmos como "agentes capazes e interessados" qualquer sorte de entidade: isto inclui não apenas todos os seres vivos, como também máquinas, como apontado mais adiante pelo autor.

Tomando as compreensões de Dantas como base, os "agentes capazes e interessados", portanto, se referem a *agentes* de forma genérica e abstrata, abrangendo todas as instâncias possíveis. São *capazes*, dado que têm efeito sobre o processo de entropia/neguentropia mesmo que não sejam dotados de teleologia. E *interessados*, dado que realizam atividades de manutenção de si próprios. A partir destes postulados, poderíamos então compreender *o próprio capitalismo* como ente que busca sua própria reprodução, e que introduz diferenças neste sistema a fim de se perpetuar.

Sendo tão amplo e genérico, o conceito se torna aplicável a praticamente qualquer situação e agente, esvaziando-o de sentido.

A noção de entropia, também trazida das ciências naturais, aponta para uma tendência natural e aleatória ao equilíbrio. Este equilíbrio, em absoluto, significaria também a própria morte: um estado inerte de equilíbrio e de conservação de energia. Os seres vivos, entretanto, lutam contra a morte em suas atividades de manutenção homeostática e, por conseguinte, contra a própria entropia. Colocamos em movimento, portanto, processos de negação da entropia, o que caracteriza a *neguentropia* (Dantas, 2022). Saímos de um estado de descanso para um estado de ação; de um estado de realização de processos espontâneos para outro, de "processos de **trabalho não espontâneos**, movidos por um objetivo" (Dantas, 2022, p. 19, grifo nosso em "trabalho").

Dantas faz uma diferenciação entre estes processos espontâneos, chamados de *dissipativos*, "presentes em todo o universo" (2022, p. 19), e os processos

---

<sup>3</sup> Esta abordagem é colocada como "Conceito científico da informação" (Dantas, 2022, p. 17). O conceito, adjetivado como científico, busca sua validade tendo como base uma noção científica advinda das ciências exatas (o que se comprova ao longo do capítulo), uma abordagem que esbarra no positivismo, buscando estabelecer paralelos entre os fenômenos comunicacionais com conceitos das ciências naturais como metabolismo, entropia/neguentropia etc.

---

neguentrópicos, aqui também nomeados como processos *teleonômicos*. Processos teleonômicos são aqueles que possuem uma finalidade biológica, como no exemplo dado de um guepardo, que busca sua caça a fim de satisfazer suas necessidades vitais, absorvendo energia externa a ele para a manutenção de seu próprio metabolismo em um movimento de neguentropia, do estabelecimento de um esforço contra seu definhamento pelo dispêndio contínuo de energia.

Em nossa leitura das concepções marxianas, os processos teleonômicos podem ser considerados como processos neguentrópicos, mas não como *trabalho*, dado que não são planejados pelos agentes. Há uma diferença entre a *teleonomia* apresentada e a *teleologia* característica do trabalho, a qual passa por um planejamento ideal e sobre o qual o trabalho se baseia para a sua concretização. Esta teleologia é própria do ser humano, que é o único com capacidade de abstração para a criação, em um plano mental, de um objetivo final que ainda não existe materialmente, e os meios para sua concretização: "O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza" (Marx, 2023, p. 255). Marx afirma categoricamente:

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente. (p. 255-256).

Dantas classifica mesmo os processos biológicos mais elementares como *trabalho*, e a partir daí classifica-o como um trabalho específico (o trabalho informacional):

Os sinais que transitam pelo sistema nervoso do animal acionando e movimentando seus sentidos, músculos e ossos são pulsos eletroquímicos. É matéria processando energia. Contudo, nesse caso, essa matéria-energia está possibilitando pôr em forma seu corpo e, por meio dele, todo o ambiente à volta, visando extrair energia *livre* do ambiente para repor a sua. Essa específica forma teleonômica de trabalho é definida como *informação*. (2022, p. 19, grifos no original).

Na interpretação de Dantas, portanto, a informação é um processo interacional, mas parte da premissa de que estas atividades de manutenção da própria vida, inclusive por parte de animais, vegetais, bactérias, fungos, procariontes etc. são um *trabalho*

---

*informacional*, indicando que em sua leitura não apenas todos estes seres são capazes de *trabalho*, mas que também são capazes de *trabalho informacional*. Isto porque parte de uma conceituação de trabalho proveniente da física, quantificável, em consonância com as proposições positivistas apresentadas ao longo do capítulo<sup>4</sup>.

Partimos destas bases dos escritos de Dantas e de nossas leituras acerca da teoria marxiana para discutir ainda outras questões acerca do chamado trabalho semiótico, neguentropia, teleologia, e sobre o próprio conceito de trabalho. Adiantamos que tais discussões, porém, não cabem neste espaço de um resumo expandido; serão trabalhadas no artigo completo, com o devido espaço e aprofundamento. Abordaremos em subcapítulos separados também nossas problematizações sobre "trabalho aleatório e trabalho redundante" e "informação: uma forma própria de mercadoria?" (aqui tratada de forma resumida).

Nesta acepção o trabalho semiótico é realizado de forma a negar a entropia; a informação é o motor da neguentropia; é a informação que permite um restabelecimento de uma determinada ordem, negando o equilíbrio que se impõe na situação de entropia máxima. Esta neguentropia realizada pelos entes se dá pela transformação de "parte desse trabalho em informação que lhes permita recuperar energia livre para sustentar aquela capacidade de trabalho  $I \rightleftharpoons N$ " (p. 21).

Dantas reafirma: "todo e qualquer organismo vivo neguentrópico ou *informacional*: todos processam e selecionam modulações de energia que lhes permitem identificar e capturar, no ambiente, suas fontes de reposição da neguentropia termodinamicamente dissipada" (2022, p. 21, grifos no original).

Nesta acepção, há uma necessidade também de eficiência: o organismo precisa realizar este processo neguentrópico<sup>5</sup> com certa eficiência, posto que o passar do tempo tende à entropia. "O problema de todo organismo neguentrópico é extrair o máximo de rendimento de sua ação. Seu adversário, por assim dizer, é o *tempo*: quanto mais tempo o organismo consome em seu trabalho neguentrópico, mais tempo ele concede à entropia" (p. 21).

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aqui ao texto de Dantas (2022). Trata-se do capítulo 1 do livro "*O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet*" (Dantas; Moura; Raulino; Ormay: Boitempo, 2022). O livro é dividido em quatro capítulos escritos individualmente por cada autor/a, sendo o primeiro intitulado "*Informação, trabalho e capital*", e que apresenta as bases teóricas das discussões que se desdobram ao longo deste capítulo e dos subsequentes.

<sup>5</sup> Buscarei aqui chamá-lo de *processo* neguentrópico em lugar de *trabalho* neguentrópico, dada a discordância que temos com a conceituação de trabalho proposta por Dantas (2022).

---

Dantas parte daí para propor uma capacidade por partes dos agentes de um reconhecimento de padrões, o que constitui um *código*, um conjunto de formas que possibilitam a este agente ter um certo grau de previsibilidade de eventos. Para Dantas, "*Toda informação é necessariamente codificada – ou não será informação*" (p. 22, grifos no original).

Este pressuposto envolve, portanto, uma capacidade de *trabalho semiótico* por parte do agente: uma capacidade de codificação/decodificação a fim de que se acesse um determinado dado (transformado em informação a partir desta posição interativa), e que esta informação permita formalmente o reconhecimento de padrões que são colocados em função de um trabalho teleológico.

Discordamos veementemente das afirmações aí colocadas: não só o trabalho é uma atividade estritamente humana, como também a capacidade de abstração para a codificação e decodificação da informação – tanto que surgem em um mesmo momento, com a linguagem surgindo da própria "necessidade de comunicação no processo de trabalho" (Vigotski, p. 11, 2001). Não negamos a capacidade de reconhecimento de padrões entre animais e outros seres vivos: admitimos a capacidade de *reconhecimento de padrões* por parte de outros seres, como é possível observar em inúmeros exemplos (animais treinados para obedecer a comandos, ratos em labirintos, macacos na savana a observar as movimentações de predadores – inclusive por meio de outros animais, como pássaros alçando voo); entretanto, tal movimento de codificação/decodificação não acontece entre estes seres, dado que não podem abstrair: não têm capacidade de transmitir estes padrões; não podem se referir àquilo o que não é imediatamente referenciável. Não é possível fazê-lo precisamente porque não fazem uso da linguagem, a qual é também atividade humana.

Como aponta Vigotski, "a comunicação sem signos é tão impossível quanto sem significado" (2001, p. 12). Isto porque, para haver linguagem, é necessário um sistema de signos e significados, abstrações que permitem referenciar elementos da realidade material e também a si próprios.

Ainda que seja redundante, apontamos que o trabalho semiótico é formado pela conjunção de duas instâncias: o trabalho e a semiótica. O trabalho, como apontamos, é necessariamente humano, dado seu caráter teleológico. A semiótica é, também, um aspecto humano, posto que derivada da capacidade abstrativa também humana, e que nos permite a troca social de signos codificados/decodificados. Todo trabalho é também

---

necessariamente semiótico, dado que pressupõe uma abstração teleológica, dotada de sentido – e, portanto, permeada pelo signo. O conceito de trabalho semiótico se apresenta, portanto, como tautologia.

### **Trabalho aleatório e trabalho redundante**

Dantas (2022) trata deste reconhecimento de padrões como forma de se evitar um dispêndio desnecessário de energia. Há assim um efeito de redundância: com dado grau de previsibilidade, dispendemos menos energia no processo de obtenção de mais energia (ou seja, somos mais eficientes no próprio processo negentrópico).

Esta leitura é transposta para o contexto da realização do trabalho humano, e o autor faz uma conceituação que difere o trabalho aleatório do trabalho redundante: o trabalho redundante seria aquele consolidado na prática, objetivado na forma de saberes, com alto grau de previsibilidade. O trabalho aleatório, por outro lado, é aquele que demanda um esforço para o reconhecimento/estabelecimento de novos padrões dentro de si: é o trabalho que não está organizado e consolidado de maneira previamente concebida. Há então um esforço para se transubstanciar este trabalho aleatório em trabalho redundante. Colocando nos termos de Marx – como o próprio Dantas faz –, o trabalho aleatório é o trabalho vivo, e buscamos objetivá-lo, sedimentá-lo na forma de trabalho morto, de um saber que compõe o nosso arcabouço de possibilidades e suas possíveis resoluções (Dantas, 2022. p. 28).

A comunicação, para Dantas, tem uma finalidade de criação de redundância (2022, p. 29). E então o autor chega a uma de suas proposições principais: a de que o valor da informação é uma função de processamento da incerteza no tempo, dada certa taxa de redundância (memória, conhecimentos acumulados, códigos). Expressa-se pelo trabalho vivo, concreto, em movimento. Não podendo ser "congelado", o valor da informação não pode conter medidas equivalentes (Dantas, 2022, p. 30).

Se não pode conter medidas equivalentes, o valor da informação é impossível de se medir, evidentemente. Deste modo, assumimos também que é impossível o cálculo de seu valor: para tanto seria preciso quantificar a quanta de trabalho socialmente necessário para a produção da informação (e do processo informacional).

A questão que se impõe, então, é: de que maneira é possível haver uma mensuração do valor da informação enquanto mercadoria? Como poderá funcionar

---

nossa economia se a base de seu cálculo é impossível de ser apreendida; sendo relacional, é sempre aquilo o que escapa?

No segundo subcapítulo, nomeado "do capital-industrial ao capital-informação", Dantas afirma que agora seria possível lançar uma nova luz sobre as conceituações de Marx a respeito do trabalho, fazendo um paralelo com os conceitos de neguentropia por meio do 'reavivamento' do trabalho morto, isto é, da utilização do trabalho morto (ou trabalho conservado, trabalho passado) pela atividade humana que o coloca novamente em movimento. Deste modo, temos um saber consolidado e objetivado (na forma de uma máquina, por exemplo), e a execução do trabalho vivo sobre aquele instrumento inerte a fim de operar novos processos criativos.

Para Dantas, o valor de uso do trabalho reside em sua capacidade de capturar, organizar, registrar, comunicar informação semiótica (2022, p. 38). Nesta parte o autor novamente se refere ao trabalho como uma atividade universal: tanto quanto o trabalho de qualquer outro ser vivo que necessita sustentar sua neguentropia, o trabalho humano põe em forma a "matéria natural", mas distintamente de outros seres vivos, o faz na forma contida idealmente em sua mente, na forma de seus significados e significações. O trabalho humano, efetuado com e pela informação semiótica, é guiado por um projeto, enquanto o trabalho dos demais seres vivos é guiado pela programação determinada por suas estruturas genéticas na relação com seus ambientes naturais. Para além do teleonômico, o trabalho humano é teleológico. (Dantas, 2022, p. 38-9, grifos no original).

Ao passo que reconhecemos o trabalho como atividade estritamente humana, Dantas (2022) faz uma diferenciação entre estes dois tipos de trabalho: o trabalho humano e o não-humano (a diferença entre estes dois sendo a teleologia do trabalho humano). Oras: como compreendemos, é a própria teleologia que caracteriza o conceito de trabalho; não seria possível, portanto, um trabalho teleológico e outro não-teleológico se a própria definição de trabalho implica a atividade de planejamento e execução, ou seja, teleologia. Se retirarmos a teleologia do trabalho, não nos resta nada.

São apresentadas também considerações acerca da informação como uma coisa (não exatamente uma mercadoria, mas mais como uma abstração) que não pode ser aniquilada em seu consumo. A informação não pode ser apropriada, mas tão somente compartilhada, dado que não há a transferência da informação de uma instância para



---

outra no sentido de sair de um lugar para chegar a outro: a informação se retém e ao mesmo tempo se repassa.

A partir de então, Dantas faz uma revisão da obra de Marx – e, em determinados momentos, um revisionismo, atribuindo certa plasticidade a termos consolidados de modo a esvaziá-los de seus próprios sentidos originais. Trata das questões de mais-valor relativo e mais-valor absoluto, para enfim chegar à tese central do capítulo, de que "a saída para o 'capital [não deixar] de ser capital' foi a intensificação do mais-valor. Aqui, aparentemente, o céu é o limite. / E a solução para chegar ao céu foi expandir em todas as direções, ao máximo possível, sem barreiras previsíveis, o trabalho material semiótico" (2022, p. 49).

O aumento do mais-valor se daria em sua forma absoluta, com maior extração de mais-valor pelo maior tempo de trabalho possível até chegar a determinado limite, e também pelo mais-valor relativo, com uma maior produtividade do trabalhador. Estas duas dinâmicas já são previstas na teoria marxiana, mas Dantas reforça que esta intensificação da extração de mais-valor se dá pela apropriação industrial das técnicas de produção de valor, de uma intensificação do próprio trabalho semiótico com a consolidação de saberes que reduzem o seu trabalho aleatório e aumentam a proporção do trabalho redundante.

O autor, a partir de sua concepção de informação – e de trabalho semiótico que pode ser realizado por entes não-humanos – postula que, no estágio atual do capitalismo é possível termos uma extração de mais-valor ainda mais extrema, dada a possibilidade do próprio maquinário realizar o trabalho semiótico com base em signos preestabelecidos (Dantas, 2022, p. 51).

Nenhuma das duas coisas, porém, tem base nas teorias marxistas – contradizendo até mesmo a própria teoria de Dantas: a máquina não pode realizar trabalho, dado que não tem capacidade de projeção teleológica, e também não pode realizar a atividade semiótica, posto que não tem capacidade abstrativa de interpretação.

As categorias de trabalho aleatório e trabalho redundante nos servem, portanto, como linhas gerais para compreender determinados contextos de produção, e poder ser muito úteis para tanto. Entretanto não é possível utilizarmos estes conceitos para a compreensão do processo de apropriação do valor, dado que o cálculo para o quantum de trabalho socialmente necessário para a produção de uma determinada mercadoria não faz a distinção entre a característica do trabalho (aleatório ou redundante) em seu

---

cálculo de expressão de valor e preço. A mercadoria é trocada pela mercadoria-dinheiro de acordo com o tempo de trabalho social nele objetivado (Marx, 2023, p. 183-185).

### **Informação: uma forma própria de mercadoria?**

O autor (Dantas, 2022) aborda a circulação de mercadorias e de como as proposições sobre a informação funcionariam dentro da teoria marxiana, dada a impossibilidade desta circulação no sentido costumeiro pois não há uma "troca de mãos" no processo de transmissão de informações: um ente não deixa de ter determinado saber, conhecimento, *informação* quando repassa-os a um outro ente. Deste modo, o capitalismo se apropria desta atividade informativa por meio do estabelecimento dos Direitos de Propriedade Intelectual, uma forma-mercadoria criada de modo que o que se vende seja o *acesso* e a permissão de reprodução de determinados saberes e materiais informacionais.

Ainda sobre a circulação de mercadorias, Dantas retoma Marx para tratar do papel da comunicação e do transporte no ciclo de acumulação do capital, o que tem paralelos no processo também da circulação de informação no contexto atual: Dantas defende que, tal qual a comunicação e o transporte, a informação é utilizada não de modo a se extrair mais-valor diretamente dos trabalhadores, mas participa deste processo como acelerador. A informação, em suas inúmeras facetas no contexto do capitalismo de plataforma, se utiliza da coleta de dados, dos anúncios segmentados etc. de modo que o tempo de realização da mercadoria tenda a zero.

Por fim, Dantas então apresenta sua hipótese de que a informação é utilizada em nosso contexto atual de modo que haja uma captura de renda gerada por um trabalho não-remunerado por parte dos usuários.

Ele coloca desta forma, como renda, de acordo com uma proposta que devemos considerar, ainda que haja apontamentos de que talvez não funcionem necessariamente desta forma. A proposta em questão é de que os Direitos de Propriedade Intelectual (DPIs) cerceariam nosso acesso e possibilidade de utilização destes bens, e que isto é o que caracteriza o nosso capitalismo atual de modo diferente daquele analisado por Marx: nos termos de Dantas, na época de Marx havia o consumo majoritariamente entrópico de mercadorias, ao passo que hoje temos uma predominância do consumo negentrópico. O consumo entrópico seria o consumo aniquilador, que destrói a

---

mercadoria em seu consumir. O consumo neguentrópico, por sua vez, é aquele que se faz na replicação do objeto de consumo – como o acesso a uma DPI, que não esgota a mercadoria em seu consumo –, e que é possível justamente pela centralidade do consumo informacional de nosso contexto.

As considerações a respeito de um "consumo neguentrópico" da informação nos parecem deslocar o que seria o próprio objeto do consumo: o que se consome (e se aniquila no processo de consumo) não é, portanto, o conteúdo infinitamente reproduzível, e sim *a própria situação de consumo*: consome-se a licença para o consumo assim como se consome qualquer outra mercadoria. Acreditamos, porém, que seja necessária uma exploração mais detida e aprofundada acerca do assunto para compreendermos as situações de consumo no capitalismo de plataforma e de seus usos sobre os Direitos de Propriedade Intelectuais.

A isso Dantas relaciona a sociedade do espetáculo, por meio da qual é possível colocar em movimento as práticas baseadas na informação. Sua apropriação do termo "sociedade do espetáculo" está mais pautada na visibilidade de eventos e de espetáculos no sentido comum (de forma estendida, como filmes, séries, shows etc.), e também na espetacularização de si próprio. Estas duas frentes trabalham de forma coordenada: o espetáculo em sua acepção comum como sendo o modo de consumo de Direitos de Propriedade Intelectual como elemento central da economia atual, e também do uso das Plataformas Sociodigitais (PSDs) como espaço para a produção, captura e utilização de dados dos usuários.

As considerações a respeito de um "consumo neguentrópico" da informação nos parecem deslocar o que seria o próprio objeto do consumo: o que se consome (e se aniquila no processo de consumo) não é, portanto, o conteúdo infinitamente reproduzível, e sim *a própria situação de consumo*: consome-se a licença para o consumo assim como se consome qualquer outra mercadoria. Acreditamos, porém, que seja necessária uma exploração mais detida e aprofundada acerca do assunto para compreendermos as situações de consumo no capitalismo de plataforma e de seus usos sobre os Direitos de Propriedade Intelectuais.

### **Considerações finais**

Buscamos, ao longo deste artigo, compreender as apropriações e aproximações realizadas por Dantas (2022) sobre a teoria marxiana a respeito da produção de valor, do processo de trabalho e da informação.

Ainda que não apresentemos aqui caminhos categoricamente estabelecidos, buscamos aqui levantar determinadas questões para que possamos nos questionar de forma mais detida sobre alguns aspectos ainda não muito claros das proposições marxianas quando confrontadas com a expressão atual do capitalismo.

Talvez seja de fato necessário encontrarmos respostas para formas diversas de consumo que não envolvam a aniquilação do objeto de consumo; não está claro, também, de que maneira os Direitos de Propriedade Intelectual podem ter seu valor mensurado, dado que não há, aparentemente, maneira de se postular a média de trabalho socialmente necessário para um produto informacional.

A mesma questão se apresenta a respeito dos trabalhos redundante e aleatório: ainda que seja possível identificar de que maneira o aumento do trabalho redundante em detrimento do aleatório aceleraria o ciclo de realização do capital, apresenta-se novamente o problema de mensuração do tempo socialmente necessário objetivado na produção informacional.

Ainda que não apresentemos aqui conclusões determinantes sobre estas questões, esperamos que elas nos sirvam de base para reduzir imprecisões e que se coloquem como ponto de partida de novos questionamentos a respeito da produção de valor em um contexto pautado pela informação mercantilizada.

---

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. In: **Sociologias**, ano 23, n. 57. Mai-ago 2021, p. 26-56. DOI: 10.1590/15174522-116484

ANTUNES, Ricardo. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. In: **Theomai**, n. 19. 2009. p. 47-57. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12415104007> >. Acesso em: 14 de janeiro, 2024.

DANTAS, Marcos. *Capítulo 1: Informação, trabalho e capital*. In: DANTAS, Marcos; MOURA, Denise; RAULINO, Gabriel; ORMAY, Larissa. **O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet**. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 17-95.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2023.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.